

PLANOS DE ESTUDOS DO  
ATHENEU SERGIPENSE  
(1870-1931)

*Conselho Editorial Educação Nacional*

- Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP  
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP  
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp  
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp  
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR  
Prof. Dr. Lucídio Bianchetti – UFSC  
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp  
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Uniplac/Unicamp  
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas  
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp  
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS  
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS  
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp  
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR  
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

*Conselho Editorial Educação Internacional*

- Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Profa. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada  
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho  
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján  
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata  
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Eva Maria Siqueira Alves

PLANOS DE ESTUDOS DO  
ATHENEU SERGIPENSE  
(1870-1931)

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Alves, Eva Maria Siqueira

Planos de estudos do Atheneu Sergipense (1870-1931) / Eva Maria Siqueira Alves. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020. –  
(Uma Casa de Educação Literária : 150 anos do Atheneu Sergipense)

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-27-1

1. Atheneu Sergipense – História 2. Colégio Estadual Atheneu Sergipense – História 3. Cultura escolar 4. Currículos – Pesquisa 5. Educação 6. Educação – Brasil – História 7. Educação – Finalidades e objetivos 8. Pesquisa educacional I. Título II. Série.

20-45390

CDD-370.7298141

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Colégio Estadual Atheneu Sergipense : Planos de estudos :  
História : Educação 370.7298141

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*imagem de capa:* Atheneu Sergipense, acervo do  
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final:* da autora  
*bibliotecária:* Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

Esta obra contou com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital n. 7/2019, Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP), processo n. 88881.359550/2019-01.

Apoio:

Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Secretaria de Estado da Educação, do Esporte  
e da Cultura do Estado de Sergipe (SEDUC-SE)  
Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS)

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2020

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*A todos os meus orientandos de Educação Básica,  
Graduação, Mestrado e Doutorado,  
com a colaboração dos quais foi possível edificar o  
Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS.*



## SUMÁRIO

PREFÁCIO: PLANOS DE CURSO COMO REGISTRO DA CIVILIZAÇÃO ESCOLAR. . . . .	9
<i>Carlota Boto</i>	
PARA ALÉM DE UMA NOTA INTRODUTÓRIA . . . . .	13
PLANOS DE ESTUDOS DO ATHENEU SERGIPENSE (1870-1931) . . . . .	25
PROFESSORES DO ATHENEU SERGIPENSE . . . . .	101
REFERÊNCIAS . . . . .	113





**Prefácio**  
**PLANOS DE CURSO COMO REGISTRO**  
**DA CIVILIZAÇÃO ESCOLAR**

*Carlota Boto\**

É frequente no campo da educação, indagarmo-nos sobre quais teorias aplicamos em sala de aula. É comum dizer-se que as escolas e os professores são refratários às mudanças e inovações; que seriam apegados – por demais – aos modelos convencionais de ensino. Porém dificilmente o debate debruça-se sobre a indagação daquilo que se tem chamado de ensino tradicional. Tradicional, por definição, é algo que radica na ideia de tradição. Podemos, então, compreender que ensino tradicional é aquele cuja âncora firma-se na raiz de uma dada tradição. Sendo assim, é de se supor que todos os modelos de ensino que, de alguma maneira, são defendidos por nossa contemporaneidade possuem alguma raiz em alguma tradição. Se isso for verdade, o consenso sobre o que vem sendo

---

\* Carlota Boto é professora da Faculdade de Educação da USP. É bolsista produtividade do CNPq/PQ1D. É autora, dentre outros, dos livros *A liturgia escolar na Idade Moderna*, publicado pela Editora Papirus e *Instrução pública e projeto civilizador*, publicado pela Editora Unesp.

nomeado ensino tradicional pode parecer um pouco mais difícil de ser obtido.

É possível, todavia, verificar que os estudos produzidos no campo da cultura escolar concentram-se no estudo dos modos de ser e de agir, dos usos e dos costumes que compõem historicamente nossa forma de ser escola. Tais estudos procuram estabelecer o diálogo entre as representações que as sociedades fazem do lugar social ocupado pela escola e as práticas que se desenrolam no processo da escolarização. Nesse sentido, trata-se de confrontar o aparato legal que versa sobre os currículos, e, mais do que isso, o discurso político da educação, com os hábitos e as rotinas do ensino efetivamente praticado. Vestígios como livros didáticos, cadernos escolares, planos de aula tornam-se documentação prioritária para a compreensão dos modos pelos quais se constitui pela escola um dado processo civilizatório.

A constituição da escola moderna acontece como um movimento que, primeiramente, é estruturado a partir de referências religiosas. Disputando o campo do domínio das almas, tanto no mundo protestante – com a liderança do modelo escolar estruturado por Calvino – quanto no cenário dos países católicos – com o primado da racionalidade escolar jesuíta – desenvolveram-se colégios que procuravam dispor do monopólio da divulgação da cultura escrita. Cabe lembrar que, quando a prensa tipográfica foi inventada em meados do século XV, passa a haver, a pouco e pouco, uma irradiação de uma competência leitora que poderia ser perigosa aos olhos dos poderes instituídos. Tratava-se, nesse sentido, de reger a leitura; contra possibilidades imprevistas de aprendizado dos códigos que norteiam a capacidade da escrita. Os colégios religiosos, durante a Idade Moderna, ocuparam esse papel.

Progressivamente a ideia de escola passa a ser vista como um direito público. Mais do que uma política de Estado, tratava-se de erradicar o povo de sua condição de ignorância; como se essa fosse a outra face do direito da cidadania: o dever do esclarecimento pela

formação do voto consciente. Viver na sociedade contemporânea – protegido e/ou punido pela mesma legislação; todos iguais – requeria o firmamento de uma igualdade matricial quanto ao acesso às oportunidades de formação. No território pedagógico, poder-se-ia superar formas de vida consideradas arcaicas. Para tanto, o primeiro movimento era o de buscar colocar na mesma classe todas as crianças, habitantes das cidades ou dos campos. O ensino ministrado deveria contemplar referências comuns de conteúdo e de método. Todavia o modelo dessa escola que pretendia fincar a igualdade tomava por igual aquilo que, em princípio, era diverso.

A forma de ser escola produzia estranheza. Uma estrutura padrão e ritualizada era, para tanto, produzida. Novas regulações para o tempo firmaram na escola a grade curricular dos horários. O espaço da vida escolar é classificado por classes, onde níveis de aprendizado e níveis de idade firmam agrupamentos. Compunha-se, no século XIX, o modelo da escola seriada. A escola se apresenta como instituição autorizada a falar à infância; a estabelecer a transição entre família e vida social. Para isso, ali se reinventavam as formas de lidar com a cultura. Rituais de formação direcionam-se pelo tom solene do exame. A escola que instaura pretensamente a homogeneidade é também aquela que aciona um conjunto de minuciosos dispositivos para firmar fronteiras e estabelecer limites entre os que possuirão êxito e os que sairão fracassados do seu sistema. Para propor formas efetivamente novas de contemplar o tema da educação escolar, será fundamental alterar a acepção norteadora da escola moderna: aquela que ensina a um coletivo como se estivesse falando com um só. Aquela que fala da diferença proclamando padrões unitários. Sem transformar o coração desse ritual, dificilmente conseguiremos reinventar o movimento interno da escola. Por causa disso, é necessário, sim, interpelar e dialogar com essa tradição. Só não se poderá, em nome da transformação, desconhecê-la.

A escola engendrada pelo Estado na contemporaneidade ocidental é tomada, em si mesma, como fonte pública de esclarecimento. Por meio dela, o mundo contemporâneo presencia o tempo de uma escolarização que, assumida pelo Estado como tarefa sua, tem por finalidade, a um só tempo, engendrar práticas de cidadania, de disciplina/controlar social e de preparação para o trabalho. Em alguma medida, a escola racionaliza ao apresentar como impessoais, universais e atemporais as regras de que se vale. Em um primeiro momento, trata-se, em linhas gerais, de racionalizar, institucionalizar e civilizar os costumes; de tal maneira que à infância pudessem ser ensinados os padrões de pudor, de vergonha e de autocontrole, que, por suposto, deveriam já regular o comportamento adulto.

Sob tal perspectiva é que pode ser interpretado o conjunto da obra de Eva Maria Siqueira Alves, estudiosa da cultura escolar. Depois de uma vida de estudo acerca da história do Atheneu Sergipense, depois de organizar o Centro de Educação e Memória da mesma instituição, a dedicada pesquisadora publica agora os *Planos de Estudos do Atheneu Sergipense (1870-1931)*. Aqui são enunciados os projetos de cursos, sequências didáticas e grades curriculares das diferentes classes do Atheneu. Destaca-se o trabalho que envolveu a criteriosa recolha e seleção desse material, que, por sua vez, é indicativo de elementos preciosos da cultura escolar da instituição. Quais eram os níveis dos diferentes cursos, quais as cadeiras que compunham seu quadro de matérias, quais eram os compêndios indicados para uso nas classes? Tudo isso aparece aqui, na documentação compilada por Eva, para favorecer novos estudos e novas pesquisas que possam vir a dar continuidade ao estado da investigação sobre a trajetória do Atheneu Sergipense. Trata-se de um conjunto de fontes primárias, que certamente serão mobilizadas em trabalhos futuros. Nesse sentido, além de uma publicação valorosa, esta compilação é profundamente generosa. Ao convidar o leitor/pesquisador para percorrer essas páginas, eu cumprimento Eva por mais esta contribuição para os avanços da pesquisa na história da educação brasileira.

## PARA ALÉM DE UMA NOTA INTRODUTÓRIA

Setembro de 2001, despontava a primavera.

Entrei no Atheneu Sergipense, não como outrora, na condição de aluna – do Curso Científico nos anos de 1972 a 1974 –, mas sim como pesquisadora, doutoranda.

O objetivo dessa minha visita era coletar dados daquele querido Atheneu, para desenvolver a pesquisa de doutorado. Passados os trâmites legais de ofício, apresentação, mostraram-me o arquivo corrente, mas logo disseram haver um depósito com outros materiais, a famosa “sala da banda”. Era uma sala na parte superior da escola, medindo aproximadamente 3m x 2m, com estantes de ferro, onde estavam cuidadosamente organizados os instrumentos musicais da banda escolar – a música, nesta casa, consistia em uma predileção semelhante à do Diretor Aristarco d’O *Atheneu* de Raul Pompéia. Havia também um armário de ferro com as cadernetas e os diários dos professores. E os “papéis velhos”, os documentos “sem valor”? Esses estavam jogados, amontoados em um recinto que já fora um banheiro, anexo à sala. Nele, duas estantes de ferro, em estado realmente mais deteriorado em relação às dos instrumentos musicais, uma quinquilharia de objetos misturados, vassoura, papelão, cartazes de isopor, a poeira do tempo..

O susto foi grande e me impôs um trabalho desafiador. Fotografado o local, “espanejando a poeira que testemunha sua antiguidade e seu abandono pelos homens... e ouvindo ‘cuidado, tem gente aqui!’” (Slenes 1985, p. 173), comecei a separar a documentação necessária para a minha tese, porém sem deixar de verificar a riqueza de fontes de outros períodos, subsídios para uma gama de futuras pesquisas.

Não imaginava, naquele momento, todas as obras que, de fato, seriam edificadas a partir dali. Paulatinamente, formou-se uma lista extensa: defesa de doutorado em abril de 2005, mesmo ano da criação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS),<sup>1</sup> exposição comemorativa dos 135 anos do Atheneu Sergipense, ingresso como professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, iniciando uma longa caminhada de orientações, projetos aprovados por agências de fomento, disciplinas e cursos ministrados, apresentações em eventos científicos, publicações de artigos, capítulos de livros, livros, conquista de uma sala ampla com arquivo deslizante para abrigar a documentação histórica do CEMAS. Muitas vitórias!

Na tese intitulada *O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os Planos de Estudos (1870-1908)*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, exponho (na seção de anexos) uma série de dados considerados constituintes dos Planos de Estudos do Atheneu Sergipense, a saber: disciplinas

---

1. O CEMAS tem como objetivo salvaguardar a documentação histórica do Atheneu Sergipense. Há no acervo do período de 1847 a 1990 mais de 400 caixas de variadas tipologias documentais, como livro de atas, de registro de professores, cadernetas, provas de concursos, fotografias, quadros de formaturas, ofícios expedidos e recebidos, além de móveis como carteiras, birrou, mesas, armários, utilizados nas atividades administrativas da instituição. Todo o material está registrado em livros Guia de Fontes. A documentação do CEMAS é de livre acesso. Ver mais em Alves (2015) e Santana (2012).

ministradas, demarcação temporal com horário das aulas, carga horária, compêndios implementados em sala de aula, professores ministrantes. Tais elementos não foram localizados de forma organizada, estruturada, em uma única fonte, mas sim em diferentes peças documentais, como atas da congregação da instituição, ofícios, jornais, legislação educacional. Esse conjunto de fontes permitiu-me construir a série dos planos de estudos do Atheneu Sergipense.

Tais informações, expostos nos anexos de uma tese, serviram de fonte para uma gama de diferentes pesquisas, porém, ainda necessitavam ser largamente sociabilizados, disseminados. Com esse intuito, decidi converter esses dados em livro, sob o título *Planos de Estudos do Atheneu Sergipense (1870-1931)*, para compor a coleção comemorativa do sesquicentenário do Atheneu Sergipense.

O conjunto de informações inicia no ano de 1870, quando ocorreu a criação do Atheneu Sergipense, passando pelas reformas educacionais do ensino secundário de âmbito nacional: Benjamin Constant (1890), Epitácio Pessoa (1901), Rivadávia Corrêa (1911), Carlos Maximiliano (1915), João Luiz Alves (1925) e Francisco Campos (1931).

O Ministério da Educação e Saúde Pública, criado em novembro de 1930, esteve comandado pelo mineiro Francisco Luiz da Silva Campos, que, como uma das suas primeiras ações na área educacional, publicou o Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, instituindo e organizando o ensino secundário. A Reforma Francisco Campos, em vigor no período de 1931 a 1942, estabelecia o ensino secundário composto pelos cursos Fundamental, com duração de cinco anos, e Complementar, ministrado em dois anos. O Curso Complementar, dividido em Pré-jurídico, Pré-médico e

Pré-politécnico, oferecia aulas nas sessões de Direito, Medicina e Engenharia, respectivamente.<sup>2</sup>

Justificado o recorte temporal, focalizo os planos de estudos. Esses, em meados do século XIX, designavam o conjunto das matérias e a carga horária semanal distribuídos nos anos dos cursos; posteriormente, tal documento ganhou outras nomenclaturas, a saber: programa de ensino, grade curricular, currículo.

Se, até então, apenas dois elementos estiveram presentes nos planos de estudos (as matérias e a carga horária), com o tempo, foi se alargando, isto é o conjunto que compõem o currículo das instituições escolares passou a agregar, outros elementos. Ao investigar as disciplinas escolares, propõe Chervel (1990) a análise da gênese, da função e do funcionamento das disciplinas escolares e, como constituintes de uma disciplina, os conteúdos (o núcleo da disciplina), os métodos de ensino e o aparelho docimológico, sempre atentos às suas finalidades.

Destaco, ainda na composição dos Planos de Estudos do Atheneu Sergipense, as mudanças nas nomenclaturas das disciplinas. Sugere Viñao Frago (2008) que os pesquisadores avaliem as disciplinas escolares como organismos vivos. Ele argumenta:

As disciplinas não são, com efeito, entidades abstratas com uma essência universal e estática. Nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem e se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações (ou as tomam emprestadas de outras) etc. Possuem uma denominação, ou nome que as identifica frente às demais, ainda que em algumas ocasiões, como se tem advertido, denominações diferentes mostram conteúdos bastante

---

2. O Curso Complementar foi instalado no Atheneu Sergipense com a Lei n. 40, de 18 de novembro de 1936.



similares e, vice-versa, denominações semelhantes oferecem conteúdos nem sempre idênticos. Tais denominações constituem, além disso, sua carta de apresentação social e acadêmica. (Frago 2008, p. 204)

Nesse sentido, os Planos de Estudos consistem em uma “mina” importante para o estudo histórico, proporcionando “um testemunho, uma fonte documental, um mapa” (Goodson 2001, p. 21) para as pesquisas nas instituições educacionais, de modo a gerar conhecimento desse espaço social.

Com tal entendimento, busquei expor o máximo de elementos localizados em diferentes documentos e que, no seu conjunto, permitem suscitar investigações diversas, como, por exemplo, sobre: entradas e saídas de novas disciplinas, ampliação ou diminuição de carga horária a elas destinadas, local de alocação das disciplinas na seriação dos cursos, modificações legislativas educacionais que omitem ou trazem detalhes metodológicos a serem seguidos pelos professores ministrantes, compêndios adotados, tempo e tipos de cursos do ensino secundário, sistema de avaliação discente, professores do ensino secundário e suas formações, tudo isso em um espaço específico, o Atheneu Sergipense.

Todo movimento investigativo que os dados aqui expostos possibilitam deve seguir aquela sugestão de Viñao Frago (2000) sob três pontos de vista: o teórico (as propostas dos inspetores, mestres), o legal (as normas, as intenções prescritas, o programado legalmente) e a realidade (o que ocorre na escola). Para esse pesquisador, “Teoria, legalidade e realidade nem sempre coincidem” (Frago 2000, p. 105).

Mas por que o foco no Atheneu Sergipense?

O Atheneu Sergipense, fundado em 24 de outubro de 1870, caracterizou-se por ser um instituto oficial de ensino secundário, localizado na capital de Sergipe, possuir alunos externos, contar,

administrativa e pedagógicamente, com as figuras do diretor e professores para as diferentes matérias, e com a especificidade de congregar, concomitantemente, por certo período, dois tipos de ensino: os estudos secundários, visando a preparar os seus egressos para os cursos superiores ou habilitá-los para desempenhar diferentes funções na sociedade, e os estudos normais, cuja finalidade era formar profissionalmente para o magistério primário. No período de 1870 a 1931, o Atheneu Sergipense ofertou os seguintes cursos (ver Quadro 1):

QUADRO 1 – Tipos de Cursos do Atheneu Sergipense por tempo de duração (1870-1931).

Ano	Tipos de Cursos	Tempo de Duração (em anos)
1870	Humanidades	4
	Normal	2
1877	Humanidades	5
	Normal	3
1892	Humanidades	6
	Normal	3
1896	Humanidades	6
	Normal	3
1897	Integral	7
1899	Integral	6
	Normal	3
1901	Integral	6
	Normal	3
1906	Integral	6
1907	Ginásial	6
1908	Integral	6
1911	Integral	6
	Normal (masculino)	4
1912	Integral	5
	Normal (masculino)	3

1914	Integral Normal (masculino)	6 3
1916	Integral Ginasial Normal Comercial	6 5 4 3
1917	Ginasial	5
1921	Ginasial	5
1925	Ginasial	6
1926	Ginasial	6
1929	Fundamental	5
1931	Fundamental Complementar	5 2

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das Legislações examinadas.

As legislações educacionais analisadas determinam que os programas das disciplinas devam ser organizados pela congregação do Atheneu Sergipense, para os cursos lá disponíveis, de modo a oferecer “um preparo util ao desempenho dos deveres de cidadão, attentas as necessidades da vida pratica” (Art. 62, Decreto nº 571 de 19 de outubro de 1912). Tal decreto estabelece ainda:

Evitar-se-ão em qualquer disciplina as minucias exaggeradas, abundando-se naquellas partes que exige o perfeito conhecimento da materia, e apenas se mencionado nas partes que constituírem mera erudição a indispensavel comprehensão do intuito dellas. Mas levar-se-á em devida conta a ligação existente entre certas disciplinas especialmente quando dependerem directa e immediatamente umas das outras. Ao intelligente e criterioso discernimento dos membros da congregação, caberá a tarefa de elaborar o programma de suas respectivas cadeiras, de modo a tornar-se effectiva a Instrução Secundaria. (Art. 63, Secção II, Decreto nº 571 de 19 de outubro de 1912)

Atendendo às determinações legais, as Atas da Congregação do Atheneu Sergipense, em diferentes anos, expõem os programas das disciplinas ofertadas, e que são indicados na série dos planos de estudos, aqui expostos. A riqueza de detalhes é tamanha, de modo que é mister uma análise verticalizada sobre a temática.<sup>3</sup>

Para ingressar no Atheneu Sergipense ou para continuar os estudos ano a ano, os discentes submetiam-se a avaliações com denominações e características distintas. Legitimam a aprendizagem dos saberes os métodos avaliativos que assumem tanto um cunho pedagógico como disciplinador. A natureza docimológica, que concerne ao estudo científico dos exames e concursos, pode ser investigada pelos tipos de avaliações prestadas pelos alunos do Atheneu Sergipense:

- **Habilitação:** exame para comprovar a habilitação do aluno para matricular-se em aulas e/ou nos anos dos cursos;
- **Classe:** exame realizado anualmente para avaliar os alunos nas matérias cursadas;
- **Final:** exame (prova escrita e oral) prestado ao final dos estudos de cada matéria concluída;
- **Suficiência:** exame (prova oral) prestado ao final do ano para habilitar o aluno a continuar o estudo da matéria; (de caráter promocional);
- **Admissão:** exame prestado pelos alunos para matricular-se em qualquer outro ano do curso;

---

3. Dois livros de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense foram consultados: Livro de Atas da Congregação (1871-1916). Ref. 481FASS01 e Livro de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1916-1939). Ref. 496FASS01. No primeiro deles, as atas expõem detalhes de horários, programas e compêndios adotados. No livro de atas do período de 1916 a 1939, há registros de aprovações de horários, programas e compêndios, porém sem mencioná-los.

- Promoção Sucessiva: exame de provas gráficas de Desenho, bem como provas escritas e orais das outras cadeiras, realizadas pelos alunos no conjunto das matérias do ano;
- Madureza: exame (prova escrita, oral e prática) prestado no final do curso pelos alunos aprovados em todos os exames finais, dando-lhes direito, se aprovados, de se matricularem nos cursos superiores.

Esses exames, estabelecendo um princípio de dificuldade crescente, habilitavam os alunos a ingressarem na instituição, serem promovidos ao ano seguinte, ter um certificado de conclusão do curso e ingressarem nos cursos superiores. Eram também amplamente divulgados na imprensa local, arrolando os membros das bancas examinadoras, bem como os nomes dos alunos inscritos. Após a realização, divulgava-se nova lista, constando as notas dos avaliados. Dessa forma, a comunidade externa à instituição passava a ter conhecimento do ritual avaliativo prestado internamente no Atheneu Sergipense.

O professor de Moral e Instrução Cívica, Francisco Monteiro Filho, ao atender à solicitação da direção do Atheneu Sergipense, isto é, apresentar a cada início de ano letivo o programa das matérias, o fez de forma diferenciada, ou melhor, com o cuidado de buscar no *Dicionário Universal de Educação Cívica*, de E. M. Campagne, a definição de “Programa”. Assim a transcreve, em epígrafe:

A expressão programa aplicada às coisas do ensino pode ser tomada em dois sentidos: uma delas serve para designar simplismente a enumeração das materias de ensino; mas geralmente, porém designa a exposição minuciosa do desenvolvimento com que deve ser ensinada cada disciplina. (Francisco Monteiro Filho, Livro de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense, 28 de fevereiro de 1913, Ref. 481FASS01)

Programa pode ser entendido como a simples listagem das matérias ou, como opta o professor, pela exposição minuciosa dos conteúdos a serem ensinados em cada disciplina. Pode ser entendido, pois, como um dos elementos que compõem os Planos de Estudos, perceptíveis na exposição dos professores em cada matéria, nos compêndios adotados e nas orientações metodológicas propostas.

Quanto ao termo “compêndio”, esse era o mais utilizado para os livros produzidos com finalidade de ensino, sem qualquer pretensão de originalidade, como revela Souza (1999). Intitulavam-se também de “Elementos”, “Lições”, “Manual”, “Pontos”, “Postilas”, “Sinopse”, “Tratado”, “Preleções” (conferir Souza 1999, p. 39).

Aponto, nesta obra, alguns dos compêndios seguidos nas diferentes cadeiras dispostas do Atheneu Sergipense. Há, porém, lacunas na identificação dos compêndios adotados. Alguns documentos apresentam a informação de que os compêndios de determinado ano seriam os mesmos do “ano anterior”. No entanto, ao acessarmos os do “ano anterior”, não há qualquer registro deles.

A análise da documentação evidenciou que as obras indicadas recebiam denominações simplificadas, ou seja, não são expostas as referências essenciais, na íntegra, como nome completo da obra e do autor, ano da edição. Infere-se, por tal abreviação, que eram obras conhecidas daquele grupamento social que as adotaria, o que dispensaria o detalhamento de informações. Entretanto, na continuidade das pesquisas identifiquei complementos dos compêndios, principalmente a partir de Tambara (2003), como nome completo do autor e da obra – dados agregados nessa obra.<sup>4</sup>

Em relação aos professores ministrantes, o “coração da disciplina”, no dizer de Chervel (1990), não obstante tenha conseguido listá-los, há dificuldade para localizar a matéria sob sua responsabilidade, uma vez que era facultado pela legislação

---

4. Os nomes de alguns compêndios e de seus autores não foi possível identificar no registro manuscrito das atas. Nesses casos uso a notação [?].

ministrarem em diferentes disciplinas – o que faziam com frequência –, ou substituírem aqueles que assumiam postos fora da instituição ou apresentavam pedidos de licenças.

Médicos, engenheiros, advogados, farmacêuticos, músicos, entre outros, ocuparam as cátedras do Atheneu Sergipense. Esses sujeitos, além de atuarem no magistério, publicavam na imprensa, participavam da vida política, na direção e administração de órgãos públicos, em outras palavras, viviam em diferentes espaços de sociabilidade da capital Aracaju. Realçavam o orgulho de pertencer à plêiade do Atheneu Sergipense, cuidavam para que fossem indicados bons compêndios, alguns adotados em outros liceus, mas sem perder o interesse pelas produções locais. Atentos a um método prático, utilitário, com aplicações na vida cotidiana, os professores do Atheneu Sergipense pautavam suas aulas de modo que, no final do curso, os alunos alcançassem êxito no falar, no exprimir-se por escrito, adquirindo conhecimentos literários e científicos.

Por fim, para que inventariar essa coletânea de dados?<sup>5</sup> Tal qual Ariclê Vechia e Karl Lorenz (1998) fizeram com os programas do Colégio Pedro II, instituição modelar para os estudos secundários brasileiros dos séculos XIX e XX, também almejo compartilhar elementos dos Planos de Estudos do Atheneu Sergipense. Ainda que buscando seguir o padrão do estudo sobre o Colégio Pedro II, não intento aqui estabelecer comparações, mesmo porque cada instituição secundária desse grande Brasil, possui suas especificidades, suas dificuldades e próprios caminhos.

O que pretendo, indubitavelmente, neste ano comemorativo ao sesquicentenário do Atheneu Sergipense, é inspirar uma gama de pesquisas na área da História da Educação, uma vez que essa instituição se tornou uma grande catalisadora de produções culturais e práticas pedagógicas inovadoras. O Atheneu Sergipense é realmente um centro aglutinador e disseminador de um *ethos* cultural, impondo-se como justo motivo de ufanía e orgulho para Sergipe.

---

5. Por certo alguns dados não estão expostos. Tais hiatos instigam outras pesquisas.